

BECK, Heinrich e Gisela Schmirber (Editores). *Paz Creativa a partir del Encuentro de Culturas del Mundo*. Maracaibo: Rectorado de la Universidad del Zulia, 1996, 482 pp.

Octavio da Cunha Botelho

O livro, originalmente um simpósio preparado pela Universidade Otto-Friedrich, Bamberg, Alemanha, para levar adiante um abrangente projeto acadêmico de investigação filosófico-interdisciplinar e intercultural: **paz criativa a partir do encontro de culturas do mundo**, foi traduzido para o espanhol e publicado pela Universidad del Zulia, Venezuela, na intenção de divulgá-lo nos países da América Latina, a qual é apontada neste projeto como local privilegiado de encontros culturais.

Coordenado pelo professor Heinrich Beck da universidade alemã acima citada, o simpósio reúne colaboradores dos seguintes países: Alemanha, Áustria, Croácia, Kenia, Zimbábue, Índia, México e Venezuela, tentando, com isso, cobrir a quádrupla divisão, traçada pelo projeto, do atual mapa cultural do mundo: Europa, África, Ásia e América Latina, com o objetivo de “reconhecer e entender o espírito que se expressa nas manifestações tradicionais e atuais destas culturas e explorar este espírito para as possibilidades de uma evolução ulterior e de uma integração transcendente” (p.456), que conduzirá a uma “paz criativa”.

Os colaboradores são quase todos doutores em filosofia, alguns com adiantados trabalhos na área da interdisciplinaridade e interculturalidade. Dr. Fritz Wallner, da Universidade de Viena, tem trabalhado nos últimos anos no desenvolvimento de uma Teoria da Ciência Interdisciplinar, com base em sua Teoria do Realismo Construtivo, ambas expostas em seu artigo (pp.91-106), para o qual tem criado um círculo internacional de trabalho. Ram A. Mall, da Universidade de Bremen, é presidente da Sociedade de Filosofia Intercultural e autor de alguns livros sobre interculturalidade.

O livro está dividido em três partes: a primeira trata da problemática do encontro cultural e da paz mundial, a segunda fornece informações culturais específicas das quatro regiões mapeadas no

projeto e, finalmente, a terceira traz a exposição de motivos da criação, critérios de trabalho, estrutura científica e objetivos do projeto, bem como um capítulo final em que o professor Heinrich Beck relata sua viagem a Índia e Nepal em 1994.

Em virtude da extensão do livro e da diversidade dos temas tratados, não será possível comentar individualmente os capítulos relativos às informações culturais específicas (pp.153-447). Portanto, a resenha se limitará a analisar as propostas salientes do projeto, expostas na primeira e última partes do simpósio.

A parte inicial, relativa à exposição filosófica do tema e do problema geral do encontro das culturas e da paz mundial, é notória, sobretudo, pelo maior cuidado na discussão da problemática do estudo da interculturalidade e da paz mundial que outros projetos semelhantes, principalmente, aqueles fora dos círculos acadêmicos, constituindo-se, portanto, em uma significativa contribuição científica para o aumento da rigorosidade no tratamento do tema. A diferença é que este projeto coloca mais cientificidade nas propostas, tornando-o mais admissível nos círculos universitários. Em palavras simples, este projeto tem mais “os pés no chão” do que os outros. Em outros aspectos, entretanto, as propostas do projeto assemelham-se, em grande parte, às de outros projetos intentados no passado, bem como daqueles atualmente em andamento. Em momento algum, porém, é levada em conta a experiência destes outros projetos, deixando, com isso, na mente do leitor, uma pretensa idéia de pioneirismo, o que certamente não procede, uma vez que em muitos pontos o projeto assemelha-se, entre tantos outros, ao trabalho da UNESCO, que se encontra em fase de execução muito mais adiantada.

Para superar os problemas dos conflitos culturais, o professor Heinrich Beck, no primeiro capítulo, propõe uma paz mundial que não seja apenas ausência de hostilidades entre os povos, mas a “compreensão da unidade dinâmica dos contrastes culturais”. Para explicar isso, elabora uma teoria “onto-hermenêutica para a compreensão da estrutura da cultura humana, como perspectiva de uma compreensão dialético-triádica da realidade” (pp.21-88). Segundo o autor, esta compreensão da estrutura cultural humana terá de ser alcançada através do estudo dos seguintes âmbitos das manifestações culturais: a língua, a arte, a filosofia e a religião (p.457), embora as

questões políticas e econômicas sejam também levadas em conta (pp.91-149). Sua teoria onto-hermenêutica procura explicar, entre outras coisas, as concepções ontológicas das diversas religiões do mundo, através de uma dinâmica dialético-triádica hegeliana, quer ocidentais ou orientais, sem se dar conta, no entanto, de que estas últimas, em muitos casos, quando compreendidas do ponto de vista exegético tradicional, parecem incompatíveis com a sua interpretação. Para desenvolver sua teoria, o autor recorre à elaboração de engenhosas teorias comparativas entre filosofias e religiões do mundo.

Em seguida, são enumeradas as características proeminentes das seguintes três culturas do “mapa cultural do mundo”: Europa, África e Ásia, as quais servirão ulteriormente como contribuições ao processo de integração cultural dos povos que conduzirá, finalmente, a “paz criativa”. O espírito europeu é caracterizado e poderá contribuir com sua racionalidade, tecnologia, espírito crítico e pré-disposição para a organização; o africano com a sua pré-disposição para a harmonia com a natureza e, finalmente, o asiático com sua visão intuitiva, espiritualidade, serenidade e pré-disposição para a meditação. Desta maneira, no momento da integração “o espírito europeu recebe, sem perder sua capacidade específica para um distanciamento racional, algo da sensibilidade afro-asiática para a harmonia espiritual, alimentado tanto com o imediatismo vital africano como com a serenidade asiática... O espírito africano, que vive em participação direta e inclusive em identificação, recebe, sem perder seu enraizamento vital na unidade, algo do distanciamento racional europeu e também do distanciamento espiritual asiático (que também é intuitivo e emocional)... Correspondentemente, o espírito asiático da unidade e da serenidade poderia desenvolver-se mediante a recepção e integração das tendências mentais européias para uma serenidade ativa dirigida e poderia obter, da fonte africana, impulsos violentos para uma substanciação e incorporação correta e obrigante de execução de vida... Assim, com uma abertura essencial para o companheiro, cada cultura encontra a oportunidade de descobrir mais profundamente sua própria identidade e de realizar-se” (p.47). A América do Norte e América Latina são entendidas como pontos de reunião das culturas, portanto, incorporam, de certa maneira, estas referidas características e, por isso, são tratadas na parte final do capítulo.

A paz mundial, segundo este projeto, depende, sobretudo, do recíproco reconhecimento e complementação da diferenciação e multiplicidade das formas de cultura. Isto terá de ser feito através de uma "comunicação recíproca como um diálogo das culturas" (p.24), a qual exigirá, em primeiro lugar, um esforço para se alcançar uma compreensão filosófica genuína das culturas e da dinâmica cultural da humanidade, sobretudo nos âmbitos da economia, da política, da ciência, da arte, da filosofia e da religião. Neste sentido, parece que o projeto entende que todo encontro cultural conduzirá invariavelmente a um benefício proveniente das contribuições culturais e nunca a um prejuízo, pois não projeta as culturas em perspectiva histórica e crítica, a qual, após uma visualização diacrônica, nos mostrará as fases de cada cultura em sua trajetória evolucionária, ou seja, a fase emergente, florescente ou decadente de sua vida cultural. Pois, nem toda cultura consegue manter o vigor da sua fase florescente por muito tempo, enquanto que outras não ultrapassam sequer a fase emergente. Portanto, resta ser inserida no estudo da "compreensão genuína das culturas" a perspectiva diacrônica que nos mostrará as oscilações culturais de cada povo, para que seja possível identificar em qual fase as culturas se encontraram, se encontram ou se encontrarão no momento dos encontros culturais. A proposta do projeto, através de uma visão meramente sincrônica, procura promover o encontro das culturas nos estágios atuais em que se encontram, sem se preocupar se as mesmas possam estar na fase emergente, florescente ou decadente da sua trajetória, o que, certamente, dificulta a possibilidade da avaliação crítica dos benefícios ou prejuízos, somas ou perdas, progressos ou retrocessos, resultantes dos encontros culturais. Sendo assim, como poderíamos evitar de pensar que algumas culturas atuais, que o autor pretende integrar, não possam estar em sua fase decadente, o que, conseqüentemente, representaria uma integração oriunda de um aviltamento cultural, portanto, realizada utilizando-se do "nivelamento por baixo".

Ademais, cada cultura, em geral, nunca esteve sempre formada por uma única camada cultural de pessoas. A sobreposição de níveis intelectuais dos membros da sociedade caracteriza também a heterogeneidade da cultura. Portanto, terá de ser identificada, da mesma forma, qual camada cultural de uma cultura entrou ou entra

em contato com qual camada da outra no momento do encontro cultural.

Como projeto de investigação filosófica da interculturalidade para se alcançar a “paz criativa”, a proposta abrange apenas a esfera intelectual de ação. De modo geral, a experiência tem mostrado que os dois principais motivos obstrutivos da paz e geradores de conflitos humanos são: a intolerância e o egoísmo, ou seja, um de natureza intelectual e outro de natureza moral, respectivamente. Portanto, a proposta do projeto visa apenas remover o obstáculo intelectual dos conflitos humanos: a intolerância, e não o egoísmo, que só poderá ser erradicado com a educação moral dos indivíduos.

O encontro cultural é o tema central do simpósio, embora, em momento algum, o conceito de cultura seja discutido. Com isso, não deixa clara a distinção entre **cultura** e **instrumento de organização civil**. Na maioria das vezes, os dois conceitos são confundidos, ao ponto de parecer que toda criação humana é cultura. Portanto, a nítida demarcação entre **cultura** e **civilização**, assinalada por alguns críticos da cultura como Oswald Spengler, não é notada. Ademais, não há nivelamento; todas as culturas mencionadas parecem estar no mesmo estágio, como se a capacidade, a aptidão e a habilidade fossem uniformemente a mesma em todos os homens.

A segunda parte trata das informações culturais específicas de cada uma das áreas mapeadas no projeto (Europa, África, Ásia e América Latina), a qual nos chama a atenção pela falta de uniformidade no nível intelectual dos artigos, pois enquanto alguns são notáveis pela excelência intelectual, outros, por sua vez, não reproduzem o mesmo primor. O motivo do desnivelamento dos artigos pode ser prontamente encontrado na imaturidade do projeto. Por encontrar-se em sua fase embrionária, o projeto não pode contar ainda com a adesão de grandes especialistas nas áreas culturais que pretende abranger, como também o afã de conseguir colaboradores em todas as áreas do “mapa cultural do mundo” parece ter levado à inclusão precipitada de certos artigos no simpósio. No entanto, como se trata de um “projeto de investigação contínua, aberto a subseqüentes colaborações, bem como, sujeito a futuras confirmações e correções”, as áreas deficientes poderão ser oportunamente suplementadas através de futuras contribuições durante o desenvolvimento do projeto.